

A tecnologia cuidado e os arranjos de gênero em grupos domésticos: a manipulação de plantas medicinais

*Majin Silva dos Santos*¹

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Resumo: Neste artigo eu abordo a tecnologia cuidado e os arranjos de gênero em grupos domésticos de uma comunidade quilombola do município de Santarém, Pará. Cada membro do grupo é responsável por alguma atividade importante para o desenvolvimento coletivo. Utilizei como método de pesquisa a observação participante e como técnica a pesquisa bibliográfica e entrevistas. Assim, destaquei: 1) uma cuidadora especialista em botânica e a origem e o destino do seu cuidado; 2) o processo técnico de manipulação de plantas; 3) mobilidade das mulheres reduzida às casas e aos quintais. Em conclusão, infiro que o cuidado é uma tecnologia generificada e a manipulação de plantas é parte do processo educativo dos grupos domésticos, de onde a organização social converge para a organização do espaço além casa.

Palavras-chave: comunidades tradicionais; família, quilombo.

SANTOS, Majin Silva dos. A tecnologia cuidado e os arranjos de gênero em grupos domésticos: a manipulação de plantas medicinais. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 12 (30): 293-302, setembro a dezembro de 2025. ISSN: 2358-5587

¹ Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e professora substituta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

Care technology and gender arrangements in domestic groups: the manipulation of medicinal plants

Abstract: In this article, I address the technology of care and gender arrangements in domestic groups of a quilombola community in the municipality of Santarém, Pará. Each member of the group is responsible for some activity that is important for collective development. I used participant observation as my research method and bibliographical research and interviews as my techniques. Thus, I highlighted: 1) a caregiver specializing in botany and the origin and purpose of her care; 2) the technical process of handling plants; 3) women's mobility limited to homes and backyards. In conclusion, I infer that care is a gendered technology, and plant manipulation is part of the educational process of domestic groups, from which social organization converges to the organization of space beyond the home.

Keywords: traditional communities; family, quilombo.

Tecnología del cuidado y arreglos de género en grupos domésticos: la manipulación de plantas medicinales

Resumen: En este artículo, abordo la tecnología del cuidado y los arreglos de género en grupos domésticos de una comunidad quilombola del municipio de Santarém, Pará. Cada miembro del grupo es responsable de alguna actividad importante para el desarrollo colectivo. Utilicé la observación participante como método de investigación y la investigación bibliográfica y las entrevistas como técnicas. Así, destacué: 1) una cuidadora especializada en botánica y el origen y propósito de su cuidado; 2) el proceso técnico de manejo de plantas; 3) la movilidad de las mujeres limitada a los hogares y patios traseros. En conclusión, deduzco que el cuidado es una tecnología con un componente de género, y que la manipulación de plantas forma parte del proceso educativo de los grupos domésticos, desde el cual la organización social converge hacia la organización del espacio más allá del hogar.

Palabras clave: comunidades tradicionales; familia, quilombo.

Neste artigo eu abordo a tecnologia cuidado e os arranjos de gênero em grupos domésticos de uma comunidade quilombola do município de Santarém, Pará. Utilizei os grupos domésticos (FORTES, 2011) como *locus* primordiais de observação participante. Eles são formados por casais heterossexuais responsáveis pela vida e bem-estar de crianças e adultos, independentemente da quantidade de casas² ocupadas pelas famílias. As regras locais permitem a dependência de um adulto à mãe, pai ou outro parente, mesmo que ele tenha cônjuge e filhos. Assim, eu estive em casas dirigidas por um grupo doméstico e em casas dirigidas por dois ou mais grupos.

Cada membro do grupo é responsável por alguma atividade importante para o desenvolvimento coletivo. Essas atividades são analisadas do ponto de vista da “corporificação social” (RAEWYN CONNELL e REBECCA PEARSE, 2015), isto é, o processo de absorção das normas e práticas sociais sobre o corpo e seu uso. Eu destaco manipulação de plantas medicinais como uma dessas atividades de importância. Percebi que ela é dominada por mulheres quilombolas, inseridas em um contexto em que o cuidado é construído sobre os arranjos de gênero.

A comparação entre o conceito de cuidado e ordem de gênero (*idem*, 2015), me permite inferir que o cuidado é uma tecnologia generificada, sobretudo, porque atua sobre o problema social, uma das várias características do que pode ser considerada uma tecnologia social, segundo (MARTINS *et al.*, 2019), de acesso à saúde e ao bem-estar e faz parte do processo de tornar-se homem e mulher, no qual as técnicas de cura estão sob a ordem de gênero. Uma pesquisa mais recente também identificou “elementos que sinalizam processos de generificação dos corpos” (LOVO, 2023:185) em práticas de cura, sobretudo de rezadeiras.

Outra conclusão possível é que a manipulação de plantas³ é parte do processo educativo dos grupos domésticos, de onde a organização social converge para a organização do espaço além casa. Assim, destaquei neste artigo: 1) uma cuidadora especialista em botânica e a origem e o destino do seu cuidado; 2) o processo técnico de manipulação de plantas; 3) mobilidade das mulheres reduzida às casas e aos quintais.

Sra. Martinha, a cuidadora especialista local em botânica

Ao conviver com a Sra. Martinha, eu pude problematizar a manipulação de plantas medicinais usando o cuidado como categoria de análise. Como parte dos arranjos de gênero, ela cuida de si, do outro e da casa, assim como as demais mulheres quilombola da comunidade Patos do Ituqui.

A Sra. Martinha, autoidentificada como mulher quilombola, é depositária dos conhecimentos tradicionais sobre o cuidado com “remédios” oriundos de plantas. E mesmo usando medicamentos industrializados em suas receitas, ela considera

² Um grupo doméstico pode ocupar duas casas.

³ Um tipo de cuidado.

os “remédios” produzidos como “caseiros”, isto é, sob domínio feminino.

Essa interlocutora revelou uma transformação no tipo de “remédio” utilizado na comunidade. Os do presente não são os mesmos do passado. Os novos “remédios” são industriais, vendidos em diversas formas. Os “remédios da cidade” são os medicamentos disponíveis no mercado farmacêutico. Ela critica quem utiliza esse medicamento em detrimento dos “remédios caseiros”, produzidos a partir das plantas. Sua crítica é mais forte para quem abandona completamente a manipulação de plantas medicinais.

O seu próprio grupo doméstico não é imune aos “remédios da cidade”. Pílulas, comprimidos e líquidos compõem o grupo de produtos que a Sra. Martinha usa para curar. Sobre os infortúnios e seus modos de enfretamento, essa interlocutora revela mais. O “aguardente” é um exemplo, conforme o trecho de entrevista a seguir.

Autora: *o que é doença apanhada?*

Sra. Martinha: *é uma que entorta tudo. Eu peguei também, tem dia que o meu olho amanhece muito inchado. Quando eu não tomo a pílula conta ou aguardente que eu uso na cabeça, o meu rosto amanhece muito inchado. Mas quando eu tô direto usando, não. A irmã Amanda disse que uma mulher ensinou colocar cinco caixas de pílula conta, bater no liquidificador e botar numa garrafa de biotônico. Compra o biotônico e coloca e toma. Diz que acaba de uma vez. Eu ia comprar pra mim. Porque se eu passar de uns 20 dias em diante sem tomar, eu sinto a minha garganta [incômodo]. Mas se eu tiver tomando direto, eu não sinto nada. Eu até encomendei pra o [inaudível] tirar banha de jacaré pra mim. Esses que tão gordos é muito bom, porque escalda bem e depois frita pra tirar a banha. Tira a metade do pitiú. Sabe que eu não me lembrei de dizer isso pra o Seu Raimundo, né. Eu sei que pra o meu velho foi bom.*

Autora: *ele pegou derrame também?*

Martinha: *a filha e a sogra dele. Eu não falei mais com ele, mas se eu visse ele eu ia dizer pra ele fazer e ia ser abençoado né, porque pra o meu velho foi bom.*

Além dos produtos utilizados no cuidado, ela revela o sentido do ensino das técnicas: de mulher para mulher. Nesse trecho ela, uma mulher com útero, se responsabiliza pelo seu próprio cuidado, incluído a encomenda da matéria prima dos “remédios”, a preparação e aplicação. E ainda revela o destino preferencial do cuidado: o outro.

Eu percebi no seu jardim árvores e plantas de diferentes tamanhos e utilidades. Ao centro da figura 01 (abaixo), o pequeno arbusto de folhas cumpridas cor verde claro com pequenas manchas brancas é um exemplar de “comigo-ninguém-pode”, utilizada de proteção contra o mal. No mesmo enquadramento da imagem está um exemplar de “pião roxo”, arbusto alto com as pontas dos galhos cobertos de folhagem roxa parecida com as folhas da “mandioca”. Ela também significa proteção contra o mal. No canto inferior esquerdo estão alguns exemplares de ervas alimentícias e atrás da “comigo-ninguém-pode” e do “pião roxo”, estão exemplares de frutíferas.

Figura 1 – Comigo-ninguém-pode, junto ao Pião roxo e outras plantas medicinais. Fotos da autora.



Ela é a principal jardineira, responsável pelo cultivo de todas essas plantas mencionadas. Essa observação do cotidiano da Sra. Martinha e da manipulação de plantas medicinais revelou a educação das mulheres quilombolas no que tange o cuidado. Na entrevista abaixo o trecho “ela mistura tudo e passa” revela esse sujeito do gênero mulher, responsabilizado por aplicar a técnica “misturar” antes de “passar” o “remédio” sobre a área a ser restaurada.

*Ah, porque ela [mulher com mal estar] tá com uma nascida no seio dela, já furou e aquilo tá duro. Pois eu **vou já mandar** sebo de Holanda e a banha de piquiá. Aí ela mistura junto e passa. O sebo de Holanda é bom pra ficar macio e tirar aquela carne...*

Ela descreve o sintoma do mal estar diagnosticado, escolhe o produto “banha”, resultado da manipulação da planta “piquiá”, e recomenda o modo de uso do produto. Depois de contar sobre essa manipulação, eu soube de outras “banhas” entregues para outras pessoas. A receita de algumas dessas “banhas” foi ensinada por um ser antropomorfo no papel de mestre do conhecimento. O ser (inominado) ensinou o “remédio” para o sintoma “derrame” por meio de um sonho, mal estar do qual o cônjuge da Sra. Martinha sofria.

Então é por isso, olha, banha de cupu, banha de piquiá, banha de sucuriçu, banha de peixe boi... agora terminou a minha banha de jacaré, porque eu arrumei pra o seu Franco, porque a filha dele tinha adoecido. Eu lembro que o meu velho, quando a gente tava se gostando, ele pegou derrame. Ele disse que teve um sonho. Uma pessoa sentou na beira da cama dele, era uma mulher, e disse pra ele pegar banha de peixe boi e querosene, que é um negócio que a gente compra lá em Santarém, que a gente botava antes em lamparina. Aí ele acordou e pediu pra irmã dele, que é a mulher do Sr. Tobias, ‘mana, faz esse remédio que eu sonhei assim pra eu ver se é bom mesmo’. Ela pegou a lamparina, acendeu... tinha a banha de peixe boi, aí diz ele que deixou assim dentro de uma vasilhinha e deixou bem morno, coisa que ele pudesse aguentar no rosto, na cabeça... diz ele que ele fez.

A interação com os seres antropomorfos em sonhos permite um processo de

aprendizagem completo. Supondo que o ser mostrou ou descreveu as técnicas necessárias para produzir o “remédio”, o humano em questão aprendeu o suficiente para imitar a técnica com sucesso.

*Quando foi de manhã, ele disse que tava claro e disse ‘será, meu Deus, que melhorou minha vista?’ ele abriu a janela e disse que tava **bom**. E daí pronto, graças a Deus. **Agora não, já querem cuidar com outras coisas.** Na cidade pode ter os remédios, mas hoje a gente tem os caseiros. Aquele cipó-pucá, que tem muito na beira e aumenta demais. Ele é bom pra doença apanhada também, fazer fricção junto com gergelim, aguardente... mistura tudo junto assim com água morna e passa pelo rosto. E também pode fazer o chá da folha dele. Bota o aguardente dentro e aí toma, tudo isso é pra doença apanhada, né.*

O “remédio da terra” é evidentemente uma forma de cuidado. Além das plantas, eu usei outros objetos da sua casa para explorar o tema das plantas medicinais. Foi o caso de uma caveira bovina no portal da sua casa. Ela afirma que isso é uma medida protetiva contra o mal ensinada por um parente mais velho, um dos “antigos”, mesmos responsáveis pelo ensino da manipulação de plantas medicinais.

A localização desse objeto revela o principal objetivo da proteção: o grupo doméstico, que está sob cuidado majoritário das mulheres com útero. Essa é outra evidência de que a Sra. Martinha, enquanto especialista, é responsável pelo cuidado, aí materializado na proteção de si e dos demais membros do seu grupo doméstico contra o mal. O mal, isto é, a doença (como “olho gordo”) não ultrapassa os limites da casa, demarcados pela caveira.

Autora: com quem a senhora aprendeu esse segredo da caveira?

Sra. Martinha: isso é porque os antigos usavam muito, quando **tinha esse negócio de curador**, né, como na família da minha mãe, na família do meu pai, tudo eles eram... tinha uns benzedor bom. Hoje a pessoa faz, mas que aprende de livro coisa ruim já. Eu creio que vem de Deus, de nascença, nesses eu acredito, mas esses que é blá blá blá do meio do caminho, isso não é, não.

A sua impressão de que os “remédios caseiros” estão ficando no passado é confirmada no trecho de entrevista acima. Se a interação com espíritos é uma idiosincrasia de “curadores” e a sua atuação não sofria interditos é porque nesse passado não havia uma moralidade condenadora de tal prática. No presente etnográfico desse grupo, a moralidade (cristã) que proíbe a interação com espíritos e as técnicas que promovem essa interação é tão presente que a Sra. Martinha não pode completar a pronúncia da palavra “espírito”.

Sra. Martinha: Aí eu aprendi com o meu pai. O irmão dele era assim, ele era curador, né. E aí sempre ele coisava **esse negócio de espí... [interrompe]** de planta... pião roxo, mucuracá pra fazer defumação, esses negócios de chá... que fazem por queira pra gente, que as vezes a gente não tá nem ligando e a pessoa lá fora tá lhe prejudicando, né, sem você merecer. Faz o chá da folha dele com pau de angola, que eu tenho ali [apontando para o quintal], tenho muita planta que é pra bebezinho, japana da roxa e da branca. Esse é pra fazer chá pra criança, para recém-nascido, hortelã que é também pra fazer chá pra criança, né. Meu tio e meu pai falavam que era bom. Os negócios dele falavam que isso era muito bom pra vermelha. Esse matinho aí [apontando para o quintal] é bom pra ameba. Quem sofre de ameba pode tomar o chá dele, da batatinha dele. É chique. Tem o sucurijuzinho, tem muito ali na beira do curral, ele é um cipó. Onde ele trisca no chão de lá ele exala, tudo é bom pra ameba. E é assim, plantas e plantas tem muita. Aquele ali que tá meio seco é a favinha do marajó, ele é muito bom pra dor no estômago, é bom pra dor de cólica quando tá menstruada, dor de... pião roxo pra negócio de hemorragia, né? Isso é muito bom, muito bom mesmo. Tira o sumo dele e toma. É muito bom pra negócio de hemorragia. Perto da limeira tem aquele crajirú, né, que é também pra anemia, né. Quebra o galho, bota na água e faz o chá pra tomar. Tem é muita coisa. Se eu for... pois é, tudo isso. Tem o.. como é? Já a folha do abacaxi é bom pra mordida de cobra, que eu não sabia. Essa folha dele bate no liquidificador, tira o sumo e [aponta o polegar para a

sua boca]. É muito bom pra negócio de mordida de bicho, né. Esse daí também foi o titio que falou. Tudo que eles vão ensinando eu gosto de ter em mente e eu também gosto de fazer. Serve pra mim, pra os meus vizinhos... eu gosto de... olha, essa laranja da terra aqui é muito boa pra anemia, ainda tão nova ainda e começando a dar flor. Eu sei que tem muito negócio de planta que eu gosto de usar.

A manipulação de plantas medicinais para resolução de infortúnios identificados por sintomas físicos é livre, como está no trecho de entrevista acima. A Sra. Martinha também faz referência à uma figura masculina como detentora de conhecimento. A maioria das plantas citadas podiam ser colhidas no quintal de Sra. Martinha, um território referência para as demais quilombolas interlocutoras. Apenas ela se autodefiniu como uma “curadora”, aquela capaz de fazer os “remédios da terra” e indicar a forma de uso mais adequada de acordo com o objetivo terapêutico. Em outras palavras, “curadora” também é uma especialista.

Alguns dos seus parentes mais velhos eram “curadores”, com os quais o seu processo de aprendizagem para manipular as plantas começou. Mas, ela sentiu um desconforto durante a nossa entrevista, quando eu pedi que repetisse a sua autodesignação, o que revelou um tipo de interdição.

No decorrer dos contatos de pesquisa, percebi que essa interdição é da própria manipulação de plantas, mas não de todas. São moralmente proibidas aquelas técnicas cuja execução resultem na interação com espíritos, isto é, seres zomorfos ou antropomorfos.

Tais práticas são passíveis ao controle por causa dos estigmas da “feiticeira/macumbaria”, que eu considero uma “imagem de controle”, em um teste desse conceito elaborado pela cientista Patrícia Hill Collins (2019). A “defumação”, as “garrafadas” e os “banhos” são uma técnica e dois produtos da manipulação de plantas interditas moralmente. E esse é um dos conhecimentos que a Sra. Martinha possui. Para ela, esse conhecimento é positivo, enquanto para os Outros é “coisa do demônio”.

Assim, a manipulação de plantas medicinais para criação dos “remédios caseiros” faz parte do processo educacional dos grupos domésticos, onde as meninas aprendem as suas atividades com as mães e os meninos com os pais. Essa ordem de gênero restringe a mobilidade espacial das mulheres, enraizadas em casa. Homens sem útero para fora de casa, mulheres com útero para dentro. Esse é o assunto da próxima seção.

Mobilidade feminina reduzida: domesticidade

Dentre as informações coletadas, destaco a mobilidade espacial: mulheres com útero são enraizadas nas casas, onde desempenham técnicas conforme a ordem de gênero. Elas fazem como as pares do resto do mundo: “realizam a maioria das tarefas domésticas de limpeza, cozinha, costura, cuidado com crianças e praticamente todo o trabalho de cuidado com bebês” (RAEWYN CONNEL e REBECCA PEARSE, 2015: 33).

Apesar do notório saber botânico reconhecido entre os seus pares, a Sra. Martinha não costuma fazer longas viagens ao interior das “matas”, assim como as demais mulheres com útero interlocutoras. Durante o tempo que eu estive na comunidade, apenas uma interlocutora, a Eliane, passou mais de um dia fora de casa sozinha. Léia e Célia também se ausentaram por mais de um dia, ambas em companhia dos cônjuges. Eu não tive notícias de mulheres com útero que manipulam plantas medicinais dentro das “matas” ou que costumam estar sozinhas nesses contextos.

A extração de uma erva pode demorar tanto quanto capturar um peixe no rio ou um veado na floresta. Nesse tempo, quem faria o almoço? Limitadas pela ordem de gênero, as mulheres com útero manipulam as plantas medicinais nos espaços destinados à elas: nas casas e nos quintais. Por isso são necessários os pedidos à pescadores e caçadores para que “arrumem” os itens que por ventura necessitem.

Abaixo, a representação da Sra. Martinha na beira do seu fogão à lenha. Ela interrompeu o preparo do almoço para dividir uma reserva de óleo vegetal em dois frascos reutilizados de substâncias industrializadas. Um é para manter parte do óleo em sua posse e o outro para entregar a Bruno⁴, queixoso do mal estar da sua cônjuge em casa.

Figura 2 – Sra. Martinha manuseando uma reserva de óleo vegetal. Foto da autora



Ela explicou o modo de uso do óleo e o entregou à Bruno, que foi para casa em seguida. Nessa situação, o modo de uso da planta foi repassado à um homem sem útero; mas não seria ele o responsável pela administração desse “remédio da terra”. A Sra. Martinha não recomendou diretamente que o marido aplicasse o óleo na infecção da esposa, o que não confere com as recomendações do Júlio, “cunhado” da Sra. Martinha, quanto à “doença” do marido dela. Isso revela os limites das atividades cotidianas das mulheres com útero.

Autora: A senhora já sonhou com algum remédio?

Sra. Martinha: não, nunca sonhei, mas ele [marido] teve esse sonho. Eu acho que ele tava preocupado ou sei lá, ne. Eu nunca sonhei, não. Graças a Deus, eu nunca sonhei. **Assim como a minha mãe fazia, eu sempre gosto de usar.** Alfavaca com a folha da pupunha, canamansa pra os rins. Ele [marido] adoecia muito dos rins. O cunhado Júlio disse pra eu fazer o chá da raiz da alfavaca, da folha da pupunha e passar a banha em cima da dor, dos rins e olha, morreu de outra coisa, mas dos rins, nunca mais. Quando foi um dia desse era o meu filho. Por mais que a gente melhora, mas faça e deixe na geladeira. Aqui e acolá toma um pouco, porque sabe que é pra fazer o bem, então use, faça, deixa lá. A hora que tá com sede, vai lá, encha o copo e tome, porque pra saúde da gente, né, é muito bom.

Autora: então pode usar os remédios quando tá doente e pra prevenir, né?

Sra. Martinha: isso, com certeza, é verdade. Aqui eu não faço, porque eu não tenho geladeira. A gente faz, mas passa de uns sete dias em diante vai ficando com gosto meio ruim e tem que tornar a fazer de novo.

⁴ Vizinho que auxiliava na limpeza de um “roçado” para a Sra. Martinha.

Júlio é um homem sem útero, mas coube à Sra. Martinha manipular a planta e aplicá-la no tratamento do marido. Essa experiência de cuidado com ele foi reproduzida com o filho ainda dependente da mãe. Na afirmação “*o compadre Júlio disse pra eu fazer o chá da alfavaca*”, é explícita a inclinação das mulheres ao cuidado para com os parentes, pois a “doente” não era a Sra. Martinha. Mais uma vez, a tecnologia do cuidado aparece sob os arranjos de gênero, configurando-se como uma tecnologia generificada.

Considerações finais

Ao longo do artigo, identifiquei a relação social entre mulheres quilombolas cuidadoras e os demais membros do seu grupo doméstico. O sentido compartilhado entre ambos é a cura com plantas medicinais. Como parte dos arranjos de gênero, as mulheres quilombola são dispostas ao cuidado de si e do outro, mas o seu destino preferencial é para o outro. Esse cuidado faz parte do processo educacional dos grupos domésticos, onde as meninas aprendem as suas atividades com as mães e os meninos com os pais. Assim, o cuidado é uma tecnologia generificada.

O cuidado com a casa e com os membros dos grupos domésticos é uma atividade convencionalmente estabelecida para mulheres. A ordem de gênero sob o qual o cuidado é desenvolvido restringe a mobilidade espacial desse grupo, enraizadas em casa. Homens sem útero para fora de casa, mulheres com útero para dentro. Mas, é oportuno destacar nestas considerações finais a agência dos corpos no processo de absorção das normas e práticas sociais. O cuidado feminino para consigo, o outro e para a casa faz parte dos acordos para o desenvolvimento dos grupos domésticos. Do contrário, a liderança feminina da comunidade não atuaria politicamente em prol do grupo, pois o doméstico também é um espaço de resistência (COLLINS, 2019).

Recebido em 31 de agosto de 2025.

Aprovado em 10 de dezembro de 2025.

Referências

- COLLINS, Patrícia. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero – Uma Perspectiva Global*. São Paulo: nVersos, 2015.
- FORTES, Meyer. *O ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico*. Brasília: Ed. da UnB, 1974.
- LOVO, Arianne. “Ninguém faz reza só”: *uma etnografia da mobilidade e das formas de cuidar a partir das mulheres pancararu*. Tese (Doutorado em Antropologia), Unicamp, 2023.
- MARTINS, Luciane *et al.* Tecnologias sociais, seus usos e significados: A experiência do Catálogo de Tecnologias Sociais da Universidade Federal Fluminense. *Revista Internacional de Tecnología, Ciencia y Sociedad*, 8 (2): 97-109, 2019.
- WHYTE, William. “Treinando a observação participante”. In: GUIMARÃES, A (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1990. pp. 77-86.